

DOENÇA MISTERIOSA

ESTÁ A MATAR CÃES NA NORUEGA

€ 2.90 • DOWNLOAD GRÁTIS

SET 2019

VET

DIGEST[®]

WWW.INDICE.PT

MAGAZINE DE SAÚDE VETERINÁRIA

SETTER
IRLANDÊS
ENERGIA
INESGOTÁVEL

COMIDA
CRUA
SERÁ SAUDÁVEL
PARA O SEU ANIMAL?

ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO

VESPA
ASIÁTICA
DESTRUIÇÃO
DE NINHOS
NÃO É EFICAZ

RAIVA
MATA
60 MIL
PESSOAS/ANO



ISSN: 2182-2220



9 771646 366003



TUPAM
editores SA





Compatível com as últimas versões iOS e Android

ÍNDICE[®] PRO

  **Android e iOS**

Faça Download Gratuito nas App Stores



6 SETTER IRLANDÊS

Uma energia inesgotável



18



SÍNDROME DE ANSIEDADE POR SEPARAÇÃO

Saiba como lidar com o problema

16



Investigação

Software permite identificar rostos de primatas em segundos



14 **Genética**

Gato clonado na China pela primeira vez

15 **Saúde e bem-estar**

Raiva ainda mata 60 mil pessoas por ano



17 **Investigação**

Há uma raça canina que consegue viver a mais de 4 km de altitude

26 **Ambiente**

Métodos usados para destruir ninhos de vespa asiática não são eficazes



27 **Nutrição**

Donos consideram comida crua para animais "segura"

28 **Animais de companhia**

Afinal os gatos também criam laços com os donos



29 **Saúde animal**

Doença misteriosa está a matar cães na Noruega

30 **Investigação**

Estudo revela como os humanos moldaram o cérebro dos cães

SIMILARES TERAPÊUTICOS?



ÍNDICE[®] PRO



Android e iOS

Compatível com as últimas versões

Faça Download Gratuito nas App Stores



Google play



Available on the
App Store

RAÇAS CANINAS

SETTER IRLANDÊS

Uma energia inesgotável





Uma esbelta figura, e a macia e lustrosa pelagem castanho-avermelhada fazem dela uma das raças de cães mais bonitas e cheias de *glamour*. Os Setter Irlandeses são animais independentes, sociáveis, curiosos e muito ativos e, ainda que inicialmente tenham sido cães de caça, hoje em dia, devido à magnífica aparência, são presença assídua e estrelas nas exposições caninas mais importantes.

Curiosamente, a primeira raça destes cães a ser criada tinha pêlo vermelho e branco (Setter Irlandês vermelho e branco), e foi desenvolvida através do cruzamento entre perdigueiros ibéricos, spaniels e antigos setters escoceses.

A raça que hoje conhecemos como Setter Irlandês (de pêlo vermelho) foi criada, no século XVIII, através do Setter Irlandês original. Até essa altura, a raça que predominava era a de cor vermelho e branco, amplamente usado como cão de caça de aves e que, como o nome indica, era proveniente da Irlanda.

Entretanto, o Setter vermelho sobrepôs-se ao vermelho e branco, e este tornou-se tão raro que se pensava que se tinha extinto. Contudo, na década dos anos 20, foi possível restituir a variedade.

A criação do Setter Irlandês mais famoso atualmente só começou, de verdade, no século XIX. Este acabou por ganhar tanta popularidade que quando se fala em Setter Irlandês se pensa nele, e não no seu antecessor.

Características físicas e personalidade

O Setter é um cão de porte médio, possuidor de um corpo elegante e ágil. Possui nariz quadrado que pode ser preto ou de cor escura, e uns olhos grandes e de cor castanha ou avelã. As orelhas são triangulares e pendentes.

Tem um pescoço comprido e musculoso e um peito estreito, sendo o tórax profundo e em quilha. Os membros anteriores são verticais e fortes, e a cauda é orientada para baixo.



FICHA TÉCNICA - Propriedade e Edição: Tupam Editores SA • Sede: Rua da República Peruana, nº9 1º Dto, 1500-550 Lisboa • Telef.: 217609308 • Fax: 217609141 • Web: www.tupam.pt • email: info@tupam.pt • Diretor: C. Simões-Lopes • Chefe de Redação: A. Correia • Diretor Médico: Prof. Doutor E. Marques Fontes • Diretor Farmacêutico: Dr. V. Lobo Neves • Execução Gráfica: Tupam Editores SA • Circulação média da última edição: 400 exemplares impressos, 5.800 Digitais PDF • Periodicidade: Mensal • ISSN: 2182-2220 • Imagens e Infografias: Técnica & Magia Lda • Publicidade: 217609308 ou dircomercial@tupam.pt • ©Tupam Editores, Copyright 2019 Todos os direitos reservados
VET DIGEST®, o logótipo "Pegaso" e Índice®, são marcas registadas da Tupam Editores. Todas as outras marcas comerciais e marcas registadas, são propriedade dos respetivos detentores. • Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem a permissão da Tupam Editores.
Aviso Legal: Os conteúdos deste Magazine são de carácter informativo e não podem ser considerados exatos, fiáveis ou completos, sendo da inteira responsabilidade do leitor a sua interpretação e avaliação.

A pelagem é uma das características mais chamativas do Setter Irlandês.

Na cabeça, na parte anterior das patas e na ponta das orelhas, o pelo deste cão é curto e fino. Já nas outras partes do corpo ele é mais comprido, chegando até a formar franjas nas orelhas, no peito, no ventre, na parte posterior das patas e na cauda. Pode ainda possuir uma malha branca no peito.

É um animal astuto, inteligente e impetuoso. O seu olfato é muito desenvolvido e a sua busca é rápida, mas de menos amplitude do que a dos Pointers. O farejo é ágil e firme. A galinhola, a perdiz e as suas crias são as suas presas preferidas.

Tem um caráter simpático, meigo e brincalhão, estabelecendo um laço forte com a “sua” família, à qual é extremamente leal, e tem clara percepção do seu lugar nela. De sensibilidade apurada pode tornar-se, por vezes, nervoso e agitado.

A sua energia inesgotável e constante atividade leva-o a ser inquieto. Mesmo com 14 ou 15 anos, o Setter Irlandês demonstra a mesma vivacidade e agilidade da juventude. Esta excepcional energia faz com que seja necessário dedicar um pouco mais de tempo e atenção ao seu treino.

Aprende com facilidade, mas o seu instinto caçador faz com que se distraia com frequência. Deve, por essa razão, ter-se muita paciência e uma mão firme, mas gentil, durante o adestramento que funcionará melhor se forem utilizados estímulos positivos e ordens amigáveis.

Muitos Setters podem ser teimosos, assim, para que se tornem companheiros ideais (e não destrutivos e agitados em demasia), é necessário que o dono lhes ensine os comportamentos adequados desde jovens.



Aprende com facilidade, mas o seu instinto caçador faz com que se distraia com frequência.

*Tem um caráter simpático,
meigo e brincalhão.*



FICHA TÉCNICA:

Nome da raça: Setter Irlandês.

Classificação: Grupo 7 – Cães de parar ou cães apontadores.

País de origem: Irlanda.

Data de origem: Séc. XVIII.

Esperança Média de Vida: De 12 a 17 anos.

Primeira utilidade: Recuperar a caça, caçar e parar.

Porte: Grande.

Peso/Altura aproximados: 27-32 kg/55-67 cm.

Tipo de pelagem e Cores: Pelagem longa, lisa e sedosa de cor vermelho e branco e vermelho.

Expetativa de vida: 13-15 anos.

São cães relativamente grandes, e não é bom ter um animal desse porte desobediente e destrutivo. Trinta quilogramas de massa e muita energia podem causar estragos sérios. Ainda que, habitualmente, não sejam agressivos, a sua maneira de ser brincalhona pode tornar-se incómoda se não forem adequadamente treinados.

Devido às características físicas e à personalidade ativa, esta raça não se adapta a viver em casas ou apartamentos pequenos nem em zonas urbanas muito povoadas ou onde não existam espaços verdes e abertos. Estes cães vivem muito melhor em casas com quintais ou jardins grandes onde possam correr ou em áreas rurais, onde podem ter mais liberdade.

Não é, no entanto, boa ideia deixá-lo sozinho no quintal ou no jardim, por maior que seja. Por ter sido desenvolvido para a caça, o Setter Irlandês precisa de muito estímulo físico e psicológico, caso contrário poderá adotar comportamentos destrutivos, roendo mobílias e outros objectos da casa, e saltando por cima dos sofás. As plantas ornamentais, chinelos, roupas e demais itens deixados ao alcance de um Setter ocioso correm grande risco de serem fatalmente destruídas.

A sua personalidade extrovertida e alegre faz com que precise de ter a companhia de pessoas, gostando particularmente de brincar com crianças, e de outros cães, com quem mantém uma excelente relação.

A companhia humana é tão importante para ele que a solidão e a ausência dos seus donos o poderá deixar deprimido e a sofrer de ansiedade por separação.



Não são animais adequados a pessoas sedentárias uma vez que precisam de muito exercício.

Embora possuam porte respeitável, estes animais não são os mais indicados para guardar a casa ou a propriedade por serem extremamente brincalhões.

São, normalmente, amistosos e mesmo os desconhecidos são recebidos com alegria, assim, quando muito, são bons para dar o alarme uma vez que ladram a qualquer ruído suspeito.

Também não são animais adequados para pessoas sedentárias uma vez que precisam de muito exercício diário. Um passeio curto com coleira não basta, necessitam de passeios longos e de correr livremente num lugar seguro, protegido e cercado, como um parque específico para animais, por exemplo.

São ideais para famílias dinâmicas, e adequadas de atividades ao ar livre.

Saúde e cuidados especiais do Setter Irlandês

Os cães desta raça são robustos e saudáveis, no entanto, têm predisposição para algumas doenças genéticas, nomeadamente a displasia coxofemoral, a torção gástrica (síndrome da dilatação vólculo-gástrica), a epilepsia e a atrofia progressiva da retina.

Podem ainda ocorrer outros problemas menos graves, como as alergias e as otites, mas que requerem atenção. Assim, é importante que o Setter visite regularmente o veterinário.



SETTER IRLANDÊS – Padrão da raça

Tamanho: Machos – 58 a 67 cm/Fêmeas – 55 a 62 cm

Cabeça: Longa e seca, não grosseira no nível das orelhas. Focinho e crânio de igual comprimento e em linhas paralelas.

Crânio: oval (de orelha a orelha), tendo muito lugar para o cérebro, com uma crista occipital bem definida. Arcadas superciliares em relevo.

Focinho: moderadamente profundo e razoavelmente quadrado na ponta da trufa.

Trufa: de cor mogno escuro, avelã escura ou preta; as narinas são largas.

Maxilares/Dentes: de comprimento sensivelmente iguais. Mordedura em tesoura.

Olhos: avelãs ou castanhos escuros, não muito grandes.

Orelhas: de tamanho médio, de textura fina, inseridas baixas e bem atrás, pendentes em uma dobra nítida próxima à cabeça.

Tronco: proporcional ao tamanho do cão. Peito profundo, estreito na frente, costelas bem arqueadas com bastante lugar para os pulmões. Lombo musculoso e ligeiramente arqueado.

Membros: ombros finos na ponta, profundos e inclinados bem para trás. Cotovelos livres e bem descidos, não virando nem para dentro nem para fora. Pernas retas e musculosas, de boa ossatura. Os membros posteriores são largos e poderosos. Pernas longas e musculosas da garupa ao jarrete; do jarrete ao joelho, são curtas e fortes. Joelhos bem angulados. Jarretes não virando nem para dentro, nem para fora. Patas pequenas, muito firmes, dedos fortes, arqueados e bem fechados.

Cauda: de comprimento moderado, proporcional ao tamanho do cão, inserida bastante baixa, forte na raiz, afinando para a ponta. Portada em nível com o dorso ou abaixo dele.

Cores: Castanha, sem traços de cor preta.

Pêlo: na cabeça, na frente das pernas e na base das orelhas, curto e fino; nas outras partes do tronco e membros de comprimento médio, plano e sem possibilidade de ser ondulado ou crespo. As franjas na parte superior das orelhas são longas e sedosas; na parte traseira das pernas anteriores e posteriores os pêlos são longos e finos; o ventre é bem franjado, formando franjas que podem se estender até o peito e a garganta. Patas bem franjadas entre os dedos. Cauda com franjas moderadamente longas, diminuindo de comprimento quando se aproxima da ponta. Todas as franjas são retas e planas.

Movimentação: livre, fluente com propulsão, cabeça portada alta. Pernas de frente de bom alcance mas portadas baixas. Posterior de propulsão suave com grande poder.

O dono deve prestar uma atenção especial aos ouvidos do animal, uma vez que as orelhas penduradas e longas têm tendência a desenvolver otites. Por ficarem abafados, os ouvidos retêm humidade e aumentam a produção de cera, assim, para prevenir estes problemas devem ser inspecionados regularmente.

Os cuidados com o pelo também não devem ser descuidados. Este deve ser escovado com regularidade, idealmente a cada 2 ou 3 dias, para que a sua pelagem não fique desganhada e selvagem demais para um animal de companhia.

Para uma boa pelagem há que ter cuidado ainda com a alimentação do cão. Esta deve ser à base de ração, já que os animais que ingerem uma alimentação gordurosa e pobre em nutrientes ficam com a pelagem excessivamente oleosa podendo sofrer de seborreia, e descamação da pele – que fica vermelha e provoca muita comichão e mau odor. Para prevenir este problema é importante adotar uma dieta pouco rica em gorduras.

A raça possui um temperamento essencialmente desportivo (neste caso, a caça) e, não tendo as doses adequadas de exercício corre o risco de engordar. Até porque estes animais ingerem tanta comida quanta conseguirem, pois instintivamente crêem precisar de toda essa energia, o que não é verdade. Dosear a ração é primordial no cuidado com o Setter.

A alimentação de um Setter é muito variável, dependendo de cada indivíduo, razão pela qual é importante a orientação de um médico veterinário. E isto especialmente devido à sua predisposição para o hipotiroidismo, assim como às variações do nível de atividade, idade e metabolismo.

Os cães peludos e orelhudos normalmente precisam de rações Premium para uma adequada manutenção dos níveis de oleosidade da pele e dos ouvidos. Tais alimentos são mais dispendiosos do que os comuns, mas além de evitarem problemas como a comichão, ainda poupam futuramente nos custos com medicação.

Independentemente da raça, o diagnóstico das doenças do animal ou a sua prevenção deve ser orientada por um médico veterinário. É importante seguir o programa de vacinação e desparasitação recomendado para garantir a saúde dos animais.

Os Setter Irlandeses são cães que estão sempre aptos a qualquer aventura que o seu dono deseje realizar, e essa disposição e energia tornam-os praticamente incansáveis. Mantenha o seu cão fisicamente e mentalmente ativo, e poderá desfrutar da sua companhia leal durante muitos anos.

Saber Mais:

<https://www.royalcanin.com/pt/dogs/breeds/breed-library/irish-red-setter>

<https://arcadenoe.pt/breeds/profile/58/details>

<https://www.peritoanimal.com.br/racas-de-cachorros/setter-irlandes.html>



Gato clonado na China pela primeira vez

Destroçado com a morte do seu gato, o chinês Huang Yu decidiu clonar o animal. Por detrás do procedimento esteve a Sinogene, uma empresa de biotecnologia comercial de clonagem de animais sediada em Pequim, que já clonou 40 cães e que, pela primeira vez, conseguiu clonar um gato.

Para clonar o felino, a empresa chinesa implantou células da pele do gato original, de nome Garlic, em óvulos recolhidos noutros gatos e, depois de um choque elétrico e químico, cerca de 40 embriões clonados foram implantados em quatro gatas. A inovação sugere que a clonagem pode tornar-se num negócio viável na China.

O objetivo da Sinogene passa por clonar animais em extinção, nomeadamente pandas. De acordo com Chen Dayuan, da Academia Chinesa de Ciências, a organização está a estudar a possibilidade de clonar um panda utilizando uma gata como mãe portadora – embora um panda seja muito maior do que um gato na idade adulta, ao nascer o seu tamanho é similar e a gestação dura entre dois e três meses.

A clonagem de animais de companhia não se limita à China (Barbara Streisand disse ter clonado a sua cadela duas vezes) e os gatos também já são clonados há anos, no entanto, Garlic foi o primeiro felino a ser clonado na China, o que vem fortalecer a sua posição entre os países que mais clonagens realizam, e que incluem os Estados Unidos, o Reino Unido e a Coreia do Sul.

Na opinião de Jorge Cid, bastonário da Ordem dos Médicos Veterinários (OMV), a clonagem cria um animal morfologicamente igual, mas a sua personalidade pode ser completamente diferente. Sobre a possibilidade de a clonagem de animais de companhia ser uma prática no país, o bastonário refere que existe capacidade científica para o fazer, no entanto, o processo é bastante dispendioso, e não há mercado para tal.

Para clonar o felino, a empresa chinesa implantou células da pele do gato original em óvulos recolhidos noutros gatos (...).

Saber Mais:

<https://www.nytimes.com/es/2019/09/09/espanol/negocios/gato-clonado-silogene-china.html>

<https://www.tecmundo.com.br/ciencia/145626-empresa-chinesa-realiza-primeira-clonagem-gato.htm>

<https://www.nytimes.com/2019/09/04/business/china-cat-clone.html>



Raiva ainda mata 60 mil pessoas por ano

Sabia que a raiva ainda mata cerca de 60 mil pessoas por ano? A doença transmite-se através da saliva de um animal infetado.

A infeção ocorre sobretudo através da mordedura – em mais de 95 por cento dos casos nos humanos é provocada pela mordedura de cães infetados. Mas, mais raramente, também pode ocorrer na sequência do contacto da saliva infetada com uma ferida aberta ou com membranas mucosas, por exemplo, boca, nariz, e olhos.

Em 2015, a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), a OMS, a GARC e a FAO estabeleceram como meta zero mortes humanas por raiva até 2030.

Este plano tem como objetivo prevenir a raiva transmitida por cães através de uma melhor consciencialização e de campanhas de vacinação e melhor acesso a cuidados de saúde e medicamentos para a população em risco.

Na data em que se celebra o Dia Mundial da Luta Contra a Raiva (28 de setembro), a OIE apresentou os avanços do seu plano estratégico cuja meta era morte zero por raiva transmitida de cães para humanos em 2030.



Os dados divulgados evidenciam que a raiva ainda causa uma morte de um humano a cada nove minutos, 80 por cento das quais em zonas rurais e 40 por cento das quais de crianças. A OIE revelou ainda que os cães são responsáveis por 99 por cento dos casos de raiva em humanos.

Portugal é um país oficialmente indemne de raiva desde 1961. A principal medida de prevenção contra a doença é através da vacinação dos animais de companhia contra esta zoonose.

Apenas se um animal de companhia se encontrar devidamente vacinado contra a raiva poderá garantir-se que se encontra protegido caso venha a contactar com um animal infetado que entre clandestinamente vindo de um país onde exista a doença.

Saber Mais:

https://www.oie.int/fileadmin/Home/fr/Animal_Health_in_the_World/docs/pdf/Portail_Rage/QA_Rage_EN.pdf

https://www.who.int/rabies/WRD_landing_page/en/

<https://www.vidaativa.pt/a/raiva-canina/>

Assim, não se descuide. A vacinação antirrábica é obrigatória para todos os canídeos com três ou mais meses de idade, de acordo com o Plano Nacional de Luta e Vigilância da Raiva e Outras Zoonoses. No caso dos felinos, a vacinação não é obrigatória, mas aconselhada.

Uma equipa de cientistas, do Primate Models Lab da Universidade de Oxford (Reino Unido) e do Centre for Functional Ecology da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), desenvolveu um **software** inovador baseado em Inteligência Artificial (IA) para deteção e reconhecimento de rostos de primatas em ambiente selvagem.

A descoberta vai permitir que investigadores e conservacionistas da vida selvagem poupem tempo na análise de vídeo destes animais, podendo ainda ser aplicada ao estudo de outras espécies.

O **software** foi desenvolvido nos últimos dois anos pelos cientistas, e utiliza os mais recentes avanços de **deep learning**, ou seja, de aprendizagem profunda, uma área da IA, para detetar, rastrear e reconhecer os rostos dos chimpanzés na natureza, assim como ferramentas gratuitas que permitem a outros investigadores identificar vídeos e “treinar” o **software** com os seus próprios dados.

Na opinião dos cientistas as abordagens existentes, que recorrem a visitas de campo para recolher dados e à análise manual, consomem demasiado tempo e recursos.

Para a primatóloga Susana Carvalho, coorde-



Software permite identificar rostos de primatas em segundos

nadora da investigação e orientadora de Daniel Schofield (o primeiro autor do artigo), a nova ferramenta tem três grandes mais-valias: a primeira é possibilitar análises de volumes enormes de vídeos de animais diretamente. Houve muitas tentativas anteriores de conseguir esta identificação automática de indivíduos, mas nunca foi possível superar os desafios dos vídeos que fazemos em habitat natural, com mudanças de luz, de zooms, variação na qualidade ao longo do tempo, e muito mais.

A segunda vantagem prende-se com a automatização da identificação dos indivíduos: ao automatizar a identificação de indivíduos, obtém-se também a automação das redes sociais desses indivíduos no seu grupo (produzindo automaticamente as chamadas Social Network Analysis).

Desta forma consegue-se ver a posição do indivíduo no seu grupo, ao longo dos anos.

A última vantagem, e talvez a mais importante, é o potencial para aplicações no trabalho de conservação de animais, particularmente em primatas (embora o sistema possa ser adaptado a outras espécies). Existe um potencial enorme para identificação de indivíduos, contagem automática de indivíduos em cada **frame**, etc.

Saber mais:

<https://advances.sciencemag.org/content/5/9/eaaw0736>

<https://www.verdict.co.uk/chimpanzees-facial-recognition/>

<https://www.uc.pt/fctuc/article?key=a-656eb93156>

Há uma raça canina que consegue viver a mais de 4 km de altitude

A pergunta lançada era: como é que o mastim tibetano, uma raça canina que chega a atingir cem quilos de peso e que é utilizada para proteger rebanhos de ovelhas de lobos e outros predadores dos Himalaias, consegue viver a mais de quatro mil metros acima do nível do mar, a uma altitude que nenhuma outra raça sobrevive?

Uma equipa de investigadores internacionais, composta por cientistas da Universidade de Nebraska-Lincoln, e da Universidade de Qinghai, na China, procuraram esclarecer este mistério, e perceberam que a chave estava no cruzamento destes cães com o lobo tibetano ao longo dos anos, o que lhes permitiu desenvolver uma “super-hemoglobina” que capta e liberta oxigénio cerca de 50 por cento mais eficientemente do que a de outras raças de cães.

Até aqui nada de novo, mas este estudo permitiu perceber a composição desta hemoglobina, esclarecendo porque é que o mastim tibetano, tal como o seu companheiro lobo, não tem problemas em viver nas alturas.



Segundo Tony Signore, um dos responsáveis da investigação, chegou-se a esta conclusão após comparar a hemoglobina do mastim tibetano com outras raças de cães, incluindo o Irish Wolfhound, que também se diz ser descendente do lobo tibetano.

Os cientistas das universidades de Qinghai e Nebraska já sabiam que esta “super-hemoglobina” do mastim tibetano tinha mutações em dois aminoácidos, uma alteração que também está presente na hemoglobina dos lobos, mas ausente nas outras raças de cães.

Estudaram então as hemoglobinas que continham as duas mutações de aminoácidos e descobriram que ambas são igualmente importantes para o alto rendimento da hemoglobina. Se uma destas não estivesse presente, a hemoglobina funcionava como em qualquer outra raça canina.

Os cientistas referem, no entanto, que não há uma evidência direta que documente que estas duas mutações únicas têm algum efeito fisiológico benéfico que provavelmente seja adaptativo à grande altitude.

Descobriu-se, no entanto, que é uma das razões pelas quais o mastim tibetano é tão diferente das outras raças de cães. E isto fica a dever-se ao empréstimo de algumas características dos lobos do Tibete.

Saber mais:

<https://academic.oup.com/mbe/article/36/10/2227/5475269>

<https://news.unl.edu/news-rooms/today/article/wolf-hack-study-details-how-tibetan-dog-got-oxygen-boost/>

Já teve a sensação de que o seu cão ficou em casa angustiado ao vê-lo sair? E quando chegou a casa encontrou os pés da mesa da sala roídos, o sofá meio destruído, e as unhas dele marcadas na porta de entrada?

Os vizinhos até estavam à sua espera para lhe dizer que ele está a levar o prédio à loucura ao ladrar compulsivamente na sua ausência! Sendo assim, não há dúvidas, tem em mãos um caso de síndrome de ansiedade por separação.



SÍNDROME DE ANSIEDADE POR SEPARAÇÃO

Saiba como lidar com o problema





Os cães são grandes companheiros das pessoas e estabelecem com elas ligações emocionais. Por esse motivo surgem cada vez mais casos de síndrome de ansiedade por separação – um problema comportamental que compromete o bem-estar e a qualidade de vida do animal e da família que o acolhe.

Estudos recentes sugerem que o problema afeta entre 15 a 20 por cento da população canina, podendo ser observado em exemplares de qualquer raça, idade e sexo. Contudo, os animais mais afetados são os que vivem com os seus donos nas grandes cidades, pois passam a maior parte dos dias sozinhos.

O cão, tal como o ser humano, é um animal social por natureza, e o seu instinto diz-lhe que deve viver em grupo, pois isso garantirá a sua sobrevivência.

Estudos recentes sugerem que o problema afeta entre 15 a 20 por cento dos canídeos.

Quando o seu grupo de “humanos” sai e o deixa sozinho, a sensação que o animal tem, instintivamente, é que a sua sobrevivência está ameaçada. A situação agrava-se quando o cão é muito apegado ao dono, “perseguido-o” como uma sombra.

Ansiedade por separação pode definir-se como uma condição na qual os animais exibem sintomas de ansiedade ou angústia excessiva quando são deixados sozinhos.

Inicialmente o cão pode sofrer de uma pequena angústia que se desenvolve numa ansiedade severa. A angústia indica um comportamento de stress de baixa intensidade, enquanto a ansiedade é um ataque de pânico extremo.

A causa para o problema ainda não está bem estabelecida, no entanto, algumas situações podem predispor para sofrer da síndrome, como uma separação precoce da mãe e privação prematura de laços com a ninhada, múltiplas mudanças de casa e de rotina, alteração no estilo de vida do dono, resultando num súbito término no contacto constante com o animal, evento traumático ocorrido durante a ausência do dono (explosões, tempestade, assaltos violentos), cães de rua, recolhidos em canis de adoção, entre outros.

Os cães que sofrem da condição podem manifestar vários sinais, sendo os mais comuns:

Comportamento destrutivo – os animais mastigam e destroem objetos, especialmente dos donos, como sapatos ou roupas com o seu cheiro, principalmente se estes se encontrarem na entrada ou na saída de casa, mas o sofá da sala e as almofadas, os pés das mesas e cadeiras, os rodapés, as molduras das janelas, entre outros objetos, também podem sofrer os efeitos da sua ansiedade extrema.

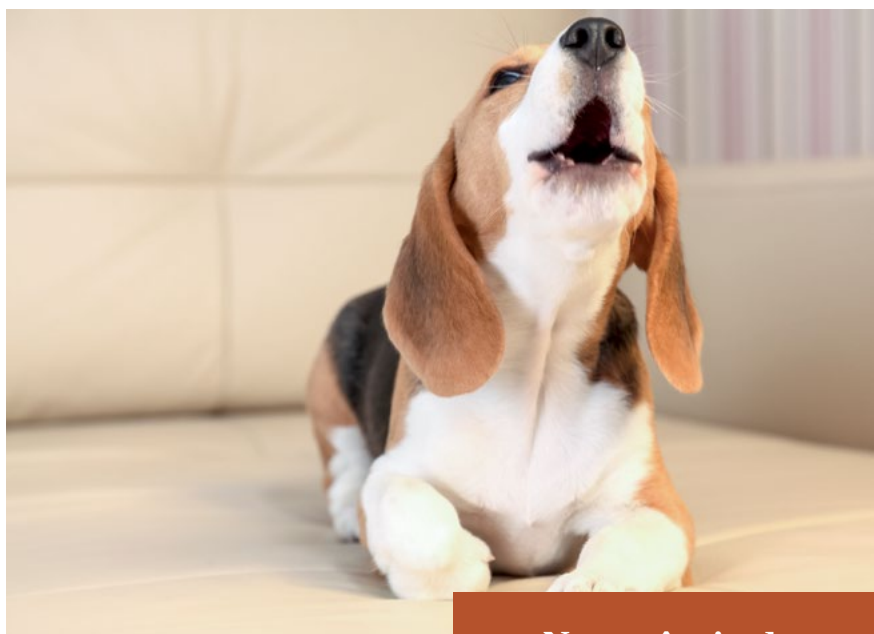
Eliminação inadequada – no caso de cachorros, este sinal pode ser confundido com a falta de treino sobre o local onde urinar e defecar. No entanto, se o cão sabe urinar e defecar no local apropriado e quando o dono sai de casa ele urina e defeca pela casa, é possível que se esteja perante a síndrome de ansiedade por separação.

Nestes casos costumam fazer necessidades em locais de entrada e saída e em vez de fazerem em quantidades consideradas normais fazem em menor quantidade e com maior frequência.

Vocalização excessiva – os cães sabem interpretar muito bem as pessoas e conhecem as suas rotinas. Quando o dono se prepara para sair de casa, o cão consegue perceber e começa a sofrer por antecipação pois já associa a saída ao isolamento e à solidão. Nessa altura pode revelar alguns sinais de stress como bloquear o acesso à porta, andar sem parar, tremer, salivar e ganir. Na ausência do dono, expressam o seu desespero através de latidos ou uivos, que se ouvem a alguma distância de casa, e incomodam a vizinhança.

Ansiedade – os animais com este problema comportamental costumam demonstrar ansiedade apenas quando o dono não está presente, principalmente nos primeiros 30 a 60 minutos sozinhos. Em alguns casos, podem ter comportamentos compulsivos como perseguir a cauda, ou lambe as patas ou uma zona do corpo sem parar, chegando a criar feridas.

Também podem deixar de ingerir água e comida até ao regresso do dono e, nas situações mais extremas podem existir mesmo respostas fisiológicas, como vômitos, diarreia e salivação excessiva.



O comportamento animal é uma ciência complexa, por isso, a apresentação de agitação ou outro sintoma pode estar relacionada com a síndrome de ansiedade por separação ou com outras patologias, sendo importante fazer um diagnóstico correto.

Na ausência do dono, expressam o seu desespero através de latidos ou uivos, que se ouvem a alguma distância de casa, e incomodam a vizinhança.



Diagnóstico e tratamento da síndrome

O diagnóstico deste transtorno baseia-se na avaliação dos sinais e comportamento que o cão manifesta quando está sozinho em casa, contudo, a agitação e ansiedade no cão não são exclusivos desta síndrome.

Assim, um diagnóstico correto deve ser estabelecido após uma anamnese cuidadosa constando a idade, raça, queixa principal do comportamento e duração dos mesmos e a história médica completa dos comportamentos, pois há grande variedade de sinais clínicos.

Pode, ainda, ser necessário realizar exames laboratoriais, como urinálise, urocultura e um hemograma completo para descartar outros problemas que não tenham relação com a patologia.

O tratamento tem como base uma terapia comportamental com o objetivo de reduzir a ansiedade e melhorar o sentimento de segurança do cão quando sozinho.

Esta terapia é acompanhada de sessões de treino e exercício com horários bem definidos. Nos casos mais severos, poderão ser utilizados fármacos para facilitar o controlo das crises.

A terapia, resumidamente, assenta em 4 pilares:

Redução da dependência do dono: normalmente cães que sofrem de ansiedade de separação são nervosos e estão sempre próximos do dono, seguindo-o pela casa.

Portanto é preciso ensinar o cão a estar relaxado na ausência do dono.

Através do treino dos comandos “Senta”, “Deita” e “Fica” enquanto o tutor se afasta sucessivamente permite que, de uma forma gradual, se sinta relaxado afastado do dono.

Os rituais de entrada e saída de casa devem ser o mais calmos possível.

O dono deve voltar com frequência ao cão e calmamente fazer reforço positivo utilizando guloseimas ou através de mimos e elogios. Se o cão mostrar ansiedade, o dono deve encurtar a distância até o cão estar confortável.

Esta regra é importante uma vez que se pretende que o cão associe o isolamento a comportamentos relaxados e positivos. Afastar-se mais do cão quando este está ansioso ou reprimi-lo

vai levar a que associe ainda mais o isolamento à ansiedade, piorando a situação.

Re-condicionamento do ritual de saída do dono: evita que o animal preveja que o dono se vai ausentar e a ansiedade associada.

Para além dos brinquedos habituais que estão sempre à disposição do cão deve reservar um apenas para quando ele ficar sozinho. Se possível esse brinquedo deve ter o cheiro do dono para que o cão se sinta ainda mais confortável. Dessa forma ele irá fazer uma associação positiva entre o boneco e o ritual de saída.

Os rituais de entrada e saída de casa devem ser o mais calmos possível. Deve tentar ir variando a ordem dos rituais que faz antes de sair de casa (ex: calçar os sapatos, vestir o casaco, pegar nas chaves e na carteira, etc) porque o cão vai estar sempre atento a todos os detalhes que sugiram a sua saída de casa e estes vão-lhe causar ansiedade. Se possível, faça alguns desses rituais sem sair de casa efetivamente.



Dessensibilização ao isolamento: o cão é deixado num quarto sozinho com um brinquedo de elevado valor. O dono deverá regressar ao quarto quando o animal estiver tranquilo e relaxado e nunca quando está ansioso.

O período e situação de isolamento vai-se prolongando gradualmente.

Terapia complementar: é importante referir que, para animais ansiosos, é essencial estabelecer rotinas. Deverá ser implementado um horário estático para alimentação, treino, passeios e brincadeira. Este permitirá ao cão relaxar nos períodos intermédios. O próprio treino básico permite que o cão se sinta mais confiante e seguro. Por último, poderão ser utilizados fármacos, mas sempre sob receita do médico veterinário.

Nos casos mais severos pode ser necessária a utilização de fármacos ansiolíticos. Os antidepressivos tricíclicos reduzem a ansiedade e melhoram o programa de modificação do comportamento. São utilizados a amitriptilina e a clomipramina. As benzodiazepinas permitem o controlo imediato do pânico extremo de alguns cães.

São utilizados o alprazolam e o clorazepato, administrando-se 1 a 2 horas antes do dono sair de casa. Para evitar relapsos, estas duas classes podem ser utilizadas em conjunto.

Existem ainda feromonas tranquilizadoras sintéticas na forma de coleiras, *sprays* ou difusores elétricos que podem ser utilizados para ajudar o cão a relaxar.

A resolução completa deste comportamento, tão perturbador das relações entre cão e dono, é demorada e, por vezes, de resultados frustrantes, desta forma corrigir desde cedo os erros que podem levar ao desenvolvimento da ansiedade por separação, é sem dúvida, a melhor forma de evitar este comportamento que leva muitos donos a desistirem dos seus cães.

Os animais mastigam e destroem objetos, especialmente dos donos, como sapatos ou roupas com o seu cheiro (...).



Conselhos para ajudar o seu cão

Na sua partida:

Prepare o ambiente (por exemplo, rádio, televisão, luzes) 30 minutos antes de sair de casa; não faça alterações à última da hora.

Evite interagir com o cão na meia hora antes de sair.

Deixe o animal num espaço confortável, seguro e com temperatura amena.

Quando partir, presenteie-o com um bonus (brinquedo para morder, Kongo com guloseimas la dentro).

Saia calmamente e não de forma efusiva.

Se o animal é agressivo quando está de partida, pratique os exercícios de “Senta”

e “Fica”, usando guloseimas. Recompense-o por este estar calmo enquanto se vai embora, enquanto abre a porta, e mesmo ao sair. Seja positivo e proceda lentamente.

Quando voltar a casa:

Entre calmamente e não de forma efusiva.

Não repreenda nem castigue o cão se houve comportamentos destrutivos na sua ausência, pois a punição não vai corrigir o problema, apenas vai gerar mais stress/ansiedade.

Ignore os cumprimentos excitados do animal até que este tenha as quatro patas no chão. Nessa altura, cumprimente-o discretamente.

Esforce-se para que o seu cão não encare os fins de semanas como um paraíso e os dias de semana como um inferno. Eduque-o para que este se torne confiante e independente, de forma a evitar que sofra de ansiedade na sua ausência. Acima de tudo, tenha paciência com ele!

Saber Mais:

https://www.vetsete.com/admin/banners/201407071603-ansiedade_separacao_cao_pdf.pdf

<https://omeuanimal.com/sindrome-ansiedade-separacao-caes-e-gatos/>

<https://petanjo.com/blog/o-que-e-ansiedade-de-separacao-de-cachorro/>



Não repreenda nem castigue o cão se houve comportamentos destrutivos na sua ausência pois a punição não vai corrigir o problema.





Métodos usados para destruir ninhos de vespa asiática não são eficazes

Em Portugal a presença da vespa asiática está confirmada no Norte e Centro do país, até à bacia do Tejo, mas estima-se que vá colonizar todo o território nacional. O facto faz com que o combate à invasora seja considerado uma prioridade nacional.

A espécie tem um ciclo biológico anual, atingindo a máxima atividade no verão, devido ao aumento de ninhos e crescimento da colónia. Os seus ninhos são arredondados, podendo chegar a um metro de altura e até 80 centímetros de diâmetro, e podem albergar, cada um, entre 2000 e 13 mil vespas – um número que impressiona.

A situação é verdadeiramente preocupante pois, segundo a Associação Nacional de Médicos Veterinários dos Municípios (ANVETEM), os métodos divulgados pela Direção-Geral de Veterinária e pelo Instituto da Conservação da Natureza e Florestas no

Manual de Boas Práticas na destruição de ninhos, feito pela Comissão de Acompanhamento para a Vigilância, Prevenção e Controlo da Vespa Velutina, não são os mais eficazes.

Ricardo Lobo, membro da associação, considera que há muito por fazer para combater esta espécie invasora, cada vez mais disseminada pelo país e, por ser um problema grave, o seu combate não deveria estar ao livre arbítrio das câmaras municipais, até porque nem todos os municípios estão a optar por destruir os ninhos.

Se um município decide fazer um combate sério e sistemático e o do lado não faz nada, no ano seguinte o primeiro estará de novo cheio de ninhos de vespa asiática.

Para além de não serem os mais adequados, alguns dos métodos nem são executáveis. Por exemplo, é impossível levar uma autoescada a

sítios onde nem se consegue ir de mota, ou fazer fogo de maçarico em pleno verão.

Com os três métodos apresentados torna-se muito difícil destruir 80 por cento dos ninhos de vespa asiática que ficam em locais inacessíveis, a mais de 30 metros, e os municípios com experiência nesta área desenvolveram métodos que também respeitam o ambiente com moléculas [de inseticidas] mais efetivas do que aquelas que estão autorizadas a usar pelos efeitos no meio ambiente.

Saber Mais:

<https://www.confagri.pt/metodos-usados-destruir-ninhos-vespa-nao-sao-eficazes-alertam-veterinarios/>

<http://www2.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/patrinatur/resource/docs/exot/vespa/VV-Manual-Destruicao-de-Ninhos-Dezembro2018.pdf>



Donos consideram comida crua para animais “segura”

Um estudo realizado pela Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Helsínquia permitiu concluir que os donos não consideram que a comida crua para os seus animais de companhia represente um risco acrescido de infeção nos seus lares.

A investigação, realizada através da internet, inquiriu um total de 16 475 lares em 81 países para avaliar a perceção dos donos em relação à comida crua para animais.

Os resultados permitiram concluir que em apenas 39 habitações (0,24 por cento) havia ocorrido a transmissão de um patógeno para um membro da família através

da comida crua do animal de companhia.

Os patógenos mais reportados foram a *Campylobacter*, seguida da *Salmonella*, tendo ainda havido ocorrências de *Escherichia Coli*, *Clostridium*, *Toxoplasma*, e uma única infeção por *Yersinia*.

De referir que em apenas três destes lares o patógeno transmitido para o humano foi encontrado na amostra de comida crua do animal.

Nick Thompson, presidente da Raw Feeding Veterinary Society, admite que existam prós e contras nos inquéritos realizados pela Internet, mas os resultados mostra-

ram claramente que apenas uma pequena proporção das pessoas vê uma associação entre a comida crua dos animais e as doenças.

Isto quer dizer que 99,8 por cento das pessoas inquiridas disseram que, durante um período que em alguns casos ia até aos 65 anos, a comida crua não representou qualquer problema, e segundo Nick Thompson, até será melhor [estatisticamente] do que noutros regimes alimentares.

Ainda assim, ultimamente têm surgido vários alertas relacionados com a descoberta de bactérias em alimentação crua para animais, nomeadamente *Salmonella* e *E.coli*. No ano passado,

o presidente da Veterinary Public Health Association (VPHA), do Reino Unido, Collin Willson, disse inclusive que a alimentação crua dos animais pode representar um risco para a saúde humana.

Saber Mais:

<https://veterinaryrecord.bmj.com/content/early/2019/08/19/vr.105122>

<https://www.sciencedaily.com/releases/2019/09/190906104102.htm>

<https://www.vettimes.co.uk/news/raw-pet-food-is-safe-says-international-owner-survey/>

Afinal os gatos também criam laços com os donos

A ideia de que os gatos são animais independentes e que não criam laços com os seus donos, como os cães, foi agora refutada por um estudo realizado por uma equipa de cientistas da Universidade Estadual de Oregon, nos Estados Unidos da América.

A investigação envolveu 70 gatinhos, entre os três e os oito meses de idade, e os respetivos donos. Na primeira fase do estudo, os felinos passaram dois minutos dentro de uma sala com os seus donos, seguidos de outros dois minutos sozinhos.

No final, os donos voltaram a entrar no espaço, com 64 por cento dos animais a mostrarem-se menos stressados nesse momento do que quando estavam sozinhos. Quanto aos restantes 36 por cento, continuavam

stressados mesmo nessa altura. Uns mostravam-se renitentes ao contacto, outros procuravam festas. Repetida a experiência com gatos adultos, os comportamentos foram idênticos.

Foi então possível concluir que, à semelhança do que acontece com os bebés e com os cães, os gatos sentem-se mais seguros quando os seus cuidadores estão presentes, o que contraria a ideia de que são animais solitários.

Segundo a Dra. Kristyn Vitale, coordenadora do estudo, pode estar-se a subestimar as habilidades sociocognitivas dos gatos, uma vez que estes animais demonstram criar um vínculo emocional com os seus donos.

Na verdade, refere, a maioria dos gatos está firmemente ligada ao seu dono e usa-o como fonte de segurança num ambiente novo.



Saber Mais:

<http://www.sci-news.com/biology/cats-bond-owners-07622.html>

<https://today.oregonstate.edu/news/cats-children-and-dogs-develop-attachments-their-caregivers-study-shows>

[https://www.cell.com/current-biology/fulltext/S0960-9822\(19\)31086-3?_returnURL=https%3A%2F%2Flinkinghub.elsevier.com%2Fretrieve%2Fpii%2FS0960982219310863%3Fshowall%3Dtrue](https://www.cell.com/current-biology/fulltext/S0960-9822(19)31086-3?_returnURL=https%3A%2F%2Flinkinghub.elsevier.com%2Fretrieve%2Fpii%2FS0960982219310863%3Fshowall%3Dtrue)

Doença misteriosa está a matar cães na Noruega

Embora a maioria dos casos tenha ocorrido na capital norueguesa de Oslo, a doença já foi detetada em 14 das 18 regiões administrativas do país, que tem uma população canina estimada entre 500 mil a 600 mil animais.

Para Jorun Jarp, diretor de segurança e emergência do Instituto Veterinário da Noruega, trata-se de uma situação muito especial, sendo alarmante ver cães saudáveis a morrer tão rapidamente.

As autoridades já excluíram hipóteses como a infeção por salmonelas, consumo de veneno para ratos ou de ração contaminada.

Os veterinários estão a investigar possíveis vírus, bactérias, fungos ou parasitas, uma vez que as autópsias realizadas pelo instituto revelaram a presença de duas bactérias (*Clostridium perfringens* e *Providencia alcalifaciens*) em quantidades anormalmente grandes.

Estas bactérias provocam diarreia em vários animais e nos humanos. Assim, amostras de tecidos do estômago e do intestino dos cães mortos e fezes de animais doentes estão a ser analisadas na tentativa de se identificarem os agentes causadores.



Uma doença misteriosa está a afetar os animais de estimação em várias zonas da Noruega. A doença, que já matou pelo menos 25 cães nas últimas semanas, inclui sintomas como vômitos e diarreia.

Hannah Jørgensen, uma patologista veterinária daquele instituto, salientou que os cães que adoeceram e morreram vieram de vários locais do país, e têm bebido e comido coisas diferentes. Até agora, não existem resultados claros e, por isso, nenhuma conclusão firme.

Entretanto, o misterioso surto levou as autoridades locais a cancelar todas as exposições e concursos caninos. Foi ainda pedido aos donos para manterem os seus cães presos pela trela e para evitarem o seu contacto com outros animais até se descobrirem as causas desta condição desconhecida.

Saber Mais:

<https://www.dn.pt/mundo/doenca-misteriosa-esta-a-matar-dezenas-de-caes-na-noruega-11282457.html>

<https://www.lifeinnorway.net/mysterious-sickness-kills-20-dogs-in-norway/>

<https://www.jn.pt/mundo/a-doenca-misteriosa-que-esta-a-matar-caes-na-noruega--11281552.html>



Estudo revela como os humanos moldaram o cérebro dos cães

Os seres humanos foram responsáveis por alterar, ao longo dos tempos, o tamanho, a forma, a cor e o comportamento dos cães, mas não só. Uma investigação realizada recentemente mostrou que o Homem também foi o responsável pela alteração da estrutura cerebral destes animais.

Durante o estudo, Erin Hecht, neurocientista da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, comparou os resultados de ressonâncias magnéticas realizadas a 62 animais representantes de 33 de raças, e concluiu que apesar de os animais apresentarem uma grande variedade de formatos e tamanhos de cabeça, nenhuma das diferenças apontadas seria capaz de explicar na íntegra as imagens cerebrais.

Foi possível concluir que o cruzamento seletivo promovido pelos humanos afetou as características físicas destes animais, mas também a forma como os seus cérebros funcionam.

Foram identificadas seis regiões que, segundo os cientistas, tendem a ser maiores ou menores dependendo do cão, e que atuam de forma sincronizada. Ao que parece a anatomia cerebral varia entre raças de cães.

As estruturas dentro dos cérebros também são diferentes e, ao que tudo indica, alguma desta variação deve-se ao cruzamento seletivo tendo em conta comportamentos específicos, tais como a caça, o pastoreio ou a guarda.

O próximo passo dos investigadores é aprofundar a análise das diferenças cerebrais entre cães da mesma raça, por exemplo, entre um border collie que ganha competições de pastoreio no mundo real e outro que, por qualquer razão, prefere ficar sentado num sofá.

Mas as descobertas podem ter implicações mais profundas. O facto de

sermos capazes de alterar uma espécie com a qual convivemos, a tal ponto de afetar a sua estrutura cerebral é algo que, segundo a neurocientista, deve ser levado em conta.

Saber Mais:

<https://www.jneurosci.org/content/early/2019/08/30/JNEUROSCI.0303-19.2019>

<https://www.sciencedaily.com/releases/2019/09/190902135309.htm>

<https://news.harvard.edu/gazette/story/2019/09/harvard-researcher-finds-canine-brains-vary-based-on-breed/>



Dúvidas sobre medicamentos?

ÍNDICE.EU

ÍNDICE[®] PRO

Publicidade



Download Gratuito



Compatível com as últimas versões iOS e Android